

Artigo de Divulgação na Mídia

## Os Prêmios Nobel e a ciência\*

**Antonio Heberlé**, jornalista

Pesquisador da Embrapa Clima Temperado e professor da UCPel

A ciência não é uma atividade neutra, eis que é feita por homens e mulheres agregados de suas possibilidades de falhar. Não somos máquinas. Mesmo assim, na prática da ciência deve-se manter o nível mais alto possível de independência, fator decisivo para que seja realizada uma operação digna de crédito. Difícil também medir a qualidade da ciência, classificando-a como boa ou ruim, ou mesmo definir a sua utilidade, pois pode atender a um determinado segmento e a outro não. Talvez por isso a comunidade científica que se envolve com ciência e tecnologia de ponta, aguarda ansiosa a divulgação dos prêmios da Real Academia Sueca de Ciências. Os Prêmios Nobel destacam, anualmente, os melhores trabalhos e seus investigadores.

Os prêmios da academia representam os passos mais avançados da ciência mas também, de algum modo, o tipo de ciência que o mundo elegeu para investir. Representa, o prêmio, o modelo de ciência que as sociedades centrais valorizam, já que são estas que pagam as pesquisas. As curiosidades do mundo micro, das bactérias e dos vírus, da nanotecnologia e da engenharia genética, estão em alta e tem muitos recursos para a chamada ciência de laboratório. Mas fora da assepsia destes ambientes se ampliam as mazelas históricas, da fome e do sofrimento de contingentes populacionais, e se amplia o risco de sobrevivência do planeta. Possivelmente não haja qualquer relação entre o homem que cata o lixo na frente dos laboratórios e o que se faz lá dentro. Mas vamos admitir o contrário, apenas como exercício.

Não se coloca em dúvida a relevância do prêmio, porque as pessoas dedicadas e tenazes em suas buscas são extremamente valorosas. Talvez o Nobel da Paz para o Presidente Obama neste ano nos desminta, mas isso faz parte do jogo, porque a neutralidade não existe, como dissemos, e envolve contextos outros. Por isso teríamos que avaliar para onde vai o conhecimento e a ciência e a que interesses reais servem.

Por certo os países mais ricos tem mais condições de investir em ciência e isso responde o fato de terem sido distribuídos até agora 276 Prêmios Nobel para os melhores e mais destacados pesquisadores norte americanos; 96 para os ingleses, 76 para os alemães, 50 para os franceses, 22 para os russos e 11 para os japoneses. Quase nada para o mundo em desenvolvimento. A maioria dos prêmios de economia, por exemplo, estão divididos entre os EUA (65%) e Inglaterra(15%).

A despeito da grande evolução que as descobertas destes cientistas trouxeram para a vida moderna persiste no mínimo uma contradição, pois os países que mais financiam as pesquisas são também os que têm patrocinado guerras e milhares de mortes e destruição pelo mundo. Na lógica da economia neoclássica é preciso vender: não importa o quê, para quem, ou a quê custo social. Só na invasão do Iraque mais de 100 mil pessoas sumiram do mapa, metralhadas, despedaçadas, varridas de suas famílias. Interessante que os países dos Prêmios Nobel investem pesado em pesquisa com medicamentos de última geração, justamente para curar ferimentos, salvar vidas. Drogas que chegam caras nas prateleiras e tornam seletiva a sobrevivência.

Tal é a regra de preservação do campo econômico: se o sistema precisa de recursos para manter a guerra ou entra em crise, que não falem verbas para mantê-lo ou salvá-lo. Quebraram bancos e empresas de renome, é preciso preservá-las para continuar como se nada tivesse

\*Publicado em: jornal Diário da Manhã, em 08/12/2009.

acontecido. Há silêncio nas academias ou pelo menos não há levante dos homens de ciências, intelectuais de alta patente. É curioso.

A ciência definitivamente não é neutra, tem ideologia e atende a quem a mantém. Mas é preciso dizer que neste mundo tecnocrático não é possível separar a natureza da ciência ou o que ela é, dos fins que atende, ou de sua utilização. Há mais; há uma separação inequívoca entre o que é a ciência e o que ela deve ou deveria ser. Seria interessante retornar à base, para compreender com Platão, que anunciou 400 anos antes de Cristo, a diferença entre o mundo do *doxa*, da opinião livre, sem necessidade de fundamentos e justificativas e a *epistème* (relativa a rotina dos procedimentos científicos). Trata-se da luta secular pelo conhecimento, que só pode acontecer com independência, em qualquer dessas esferas.

Entendo que, mais próxima de interesses outros, parte da nossa ciência presta-se às manipulações de todo tipo, nas perigosas garras dos totalitarismos de toda índole. De quebra, o homem tornou-se perito na arte de defender às últimas consequências as idéias próprias da sua zona de conforto, ao tempo que tem um largo fundamento discursivo para retrucar ou fechar ouvidos para as que o incomodam.